

## **NEOHOOLIGANS: O EFEITO ÁLCOOL-COCAÍNA NA VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS LONDRINOS**

Vitória Barros<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo discute sobre a violência nos estádios e uso do álcool e da cocaína pelos torcedores como aspectos de evidência e proliferação. A metodologia adotada foi de natureza aplicada, a fim de procurar produzir conhecimentos dirigidos à solução de problemas específicos, referentes à abrangência do direito desportivo na seara do futebol. O texto aborda essa paixão avassaladora pelo futebol, corrente decisiva na construção de um fanatismo com roupagem, por vezes, de agressão. A abordagem contextualiza fenômenos como os *hooligans*, e destaca consequências atuais e relevantes dessa violência nos estádios, especialmente os londrinos, por meio da criação de ambientes controlados e monitorados para as torcidas visitantes, por espaços predestinados para cada grupo presente. O texto perpassa pela realidade inglesa nessa problemática abordada, com ênfase na Premier League, a contar desde a sua criação em 1992. Buscou-se explicitar o uso habitual da cocaína com correspondência direta ao álcool, proibido nas dependências dos estádios britânicos, e a respectiva mudança desencadeada por essas substâncias trazendo à baila seus possíveis efeitos agressivos. Concluiu-se na demonstração da necessária persecução por medidas eficazes que visem regular comportamentos dentro e fora dos gramados buscando pela pacificação no futebol.

**Palavras-chaves:** Violência. Estádios. Álcool. Futebol. *Hooligans*. Inglaterra.

### **Neohooligans: The Alcohol-Cocaine Effect on Violence In London Stadiums**

**Abstract:** The article discusses the violence in stadiums and the use of alcohol and cocaine by the fans as aspects of evidence and expanse. *The methodology adopted was of an applied nature, in order to seek a producing knowledge aimed at solving specific problems and referring to the scope of sports law in the field of football.* The text addresses the overwhelming passion for soccer, currently fundamental in the construction of fanaticism in the guise, at times, of aggression. The approach contextualizes the characteristics of hooligans, and highlights the current and relevant consequences of violence in stadiums, especially in London stadiums, through the creation of controlled and monitored environments for visiting fans, through predestined spaces for each group present. The text permeates England, with emphasis on the Premier League, from its creation in 1992. It sought to explain the habitual use of cocaine in direct correspondence to alcohol, prohibited on the premises of British stadiums, and the respective change triggered by these issues, bringing up their possible indirect effects on it. It was concluded by the demonstration of the need to pursue effective

---

<sup>1</sup> PUC – GO. E-mail: vitcarbarros@hotmail.com

measures aiming to set regular behavior on and off the pitch, seeking for pacification in soccer.

**Keywords:** Violence. Stadiums. Alcohol. Soccer. Hooligans. England.

## Introdução

O pontapé do futebol é inglês. O esporte se tornou muito popular na Inglaterra, desde os primórdios da prática, alavancando, ao longo dos anos, uma imensidão de torcedores apaixonados.

Essa paixão avassaladora foi corrente geradora de um fanatismo que, por vezes, era correlacionado a uma demonstração agressiva de apoio. No início, especificadamente na década de 60, esses “apoadores” receberam o nome de *hooligans*.

A expressão representava, à época, jovens ingleses que se juntavam em portas de estádios com intuito precípua de causarem brigas. Esses acontecimentos passaram a chamar a atenção de sociólogos que correlacionaram a prática aos atributos e moldes do capitalismo, e formularam como um efeito imediato de conglomerado fanático pelas equipes futebolísticas. O autor Cassante (2015, p.01) explica a respeito desse fenômeno:

Os hooligans, jovens ingleses extremamente violentos que carregam consigo o prazer pela violência e se organizavam para brigar, o hooliganismo começou a chamar atenção de sociólogos na década de 60, momento em que foi realizada a Copa do Mundo na Inglaterra em 1966, pois os torcedores se organizavam ao redor dos estádios para simplesmente causar desordem e brigarem, muitos pesquisadores começaram a relacionar este comportamento com o contexto histórico, a crise vivida pelo capitalismo, à classe social dessas pessoas, juntamente com o fanatismo que elas possuíam por seus clubes.

Na história, um dos principais enredos evidenciadores da prática foi a partida disputada entre *West Ham* e *Millwall*, em 1906 – apesar de mais de cem anos depois do acontecido, depoimentos jornalísticos da época guardam perfeita semântica aos atuais. A violência nos estádios permanece, mesmo depois de uma série de medidas já implementadas nos estádios da Inglaterra, como a criação de barreiras entre torcidas, logística nas arquibancadas, distanciamento entre torcedores e até mesmo reforço policial.

Alves (2013, p.28-29) traça um paralelo da enfática violência nos estádios de futebol como um precursor do sentimento de vitória – uma espécie de fim em si mesma – repassando, permeando e elucidando um contexto inglês que se utiliza de outras tentativas de repressão ao futebol, como à época medieval em perfeita representação, nesse contexto, da selvageria plebeia. O autor constata:

Acho interessante pensar como o fato de ser extremamente violento era a explicação usada pelo Estado inglês medieval para justificar as inúmeras tentativas de proibição e constante repressão da prática do futebol, como constata Elias e Dunning: '[...] nada mais revelador sobre o tipo de jogo que então se praticava sobre o nome de futebol que os constantes e, em geral, aparentemente frustrados, esforços das autoridades estatais e locais em reprimi-lo. Devia ser um jogo selvagem, de acordo com o comportamento da gente daquela época.' (tradução própria).

Na verdade, como defende Carlos Alberto Máximo Pimenta, acredito que o fato de o futebol ser um fenômeno das massas, praticado por plebeus, e que acreditavam os senhores de terras que era incentivador de revoltas contra estes tais senhores.

Nesse compasso, observar-se-á, apesar de um fenômeno marcadamente plebeu, a partir das revoluções burguesas, uma mudança de cenário: o Estado passa a delimitar e utilizar o esporte como um meio de controlar as massas, de modo a recriar um futebol nos moldes pelos quais se conhece hoje, em todas as suas formas e características institucionais e rituais, conforme salienta Alves (2013, p.29).

### **A disseminação da violência**

A desordem no futebol ultrapassa os arredores do gramado. Há registros de ataques, brigas e desavenças nas proximidades das arenas, pubs e ruas, por muitas desencadeado e arrebatado pelo excesso de álcool e drogas – principalmente a cocaína.

Antes, esses acontecimentos eram considerados como situações individualizadas, e até mesmo esperadas em certos jogos onde a rivalidade era reconhecidamente acirrada, mas hoje a pacificidade já não tem sido tão comum. Os *hooligans* já foram minoria, acreditava-se que o público em geral era distenso e respeitava com eficácia o policiamento, finalizava discussões, e de que as violências que porventura surgissem fossem casos isolados.

A violência ganhou uma roupagem específica na década de 50. Alvito (2012) disserta que a confusão acertada de jovens ingleses outrora voltada à melhoria do poder aquisitivo da classe média trabalhadora, trouxe como consequência um maior ingresso deste público aos estádios.

A torcida, a partir de então mais cheia, entoava gritos de rivalidade, principalmente por meio do canto de músicas adaptadas a proferir ofensas, e que por vezes, gerava resultado direto em brigas, invasões de campo e arremesso de objetos, conforme destaque de Alvito (2012).

O grande problema era que esse modo de vida transpassava na torcida como uma maneira de pertencimento: os torcedores se viam como parte maior de algo, como uma identificação própria em um meio social.

Há tempos essa violência tem sido remediada. Desde os primeiros registros dos *hooligans* nos estádios, houve um desenvolvimento de medidas e ações que visassem evitar esses combates entre as equipes. Alvito (2012) relata uma verdadeira transformação de estádios em locais delimitados a agirem como prisões às torcidas – espaços previamente determinados e extremamente separados entre as partes adversárias.

No entanto, o resultado esperado foi diferente do encontrado. A segregação que limitava o espaço físico, tornou-se em realidade a um fator de aumento nos casos de agressões, físicas e/ou verbais. O cenário futebolístico ora enrijecido pelo policiamento gerou um fatídico incentivo indireto à violência. Alvito (2012) reafirma inclusive a necessidade de escolta da torcida visitante desde a entrada nos estádios, até a locais abertos.

A onda de violência não se limitava às vias de fato. Um palco de agressões em um ambiente caótico tornou-se também centro de xenofobia e racismo dentro e fora dos gramados, que a esse ponto, já não se solidificavam só entre os torcedores, especialmente nortistas e sulistas, mas também se direcionava aos jogadores – notadamente ainda presente nos estádios do século XXI.

O estopim, em início, conforme explica Alvito (2012), era, à época, resultado direto do cenário socioeconômico em que a Inglaterra vivia: desemprego, recessão econômica, governança de Margaret Thatcher – que dentre as mais variadas propostas e realidades, traziam um verdadeiro caos social

instalado, e traduziam no incerto *Welfare State* (Estado de Bem-Estar Social) – tão fortemente pregada na época.

### **Contextualização do futebol frente ao álcool-cocaína**

Naquele cenário, o futebol transparecia questões políticas, sociais e econômicas que circundavam terras britânicas, mas mais do que isso, era o enredo perfeito dos efeitos que as políticas sociais e institucionais registravam além dos gramados. A violência outrora marcada e centralizada, há anos vem sendo reformulada por uma nova realidade: o álcool e a cocaína como uns de seus catalisadores e principais participantes.

A cocaína é hoje uma grande vilã do impacto no futebol. Muito além de um preço acessível, essa droga faz parte de uma cultura e estilo de vida londrino, e que misturada ao álcool, tem sido causa de efeitos catastróficos.

Gomes (2019, p.02) elucida em matéria acerca desse crescente uso do narcótico pelos jovens. Na ocasião, registra que o baixo preço tem sido uma das justificativas de um consumo desenfreado, em conjunto a um aumento do poder de compra da libra nos últimos anos, além da mudança na produção e distribuição, nota-se, nas palavras do autor:

A cocaína já não tem classes. É mais barata e acessível, o que abriu o mercado a pessoas que a não teriam experimentado antes', sublinha Ian Hamilton, professor de saúde mental da Universidade de Iorque. De acordo com a Agência Nacional de Crime, nos últimos anos, a máfia albanesa assumiu o controlo do lucrativo mercado da cocaína no Reino Unido com um modelo de negócio extremamente eficaz. Ao negociar diretamente com os cartéis produtores de droga na América Latina e abdicando assim dos importadores internacionais, aquela máfia consegue colocar um produto mais puro e mais barato no mercado. O aumento da produção na América Latina, o mais baixo preço desde 1990 e o mais elevado grau de pureza numa década criaram a tempestade perfeita para a subida do consumo de cocaína no Reino Unido, escreve o *Guardian*.

O problema é expressivo. Além de atingir consideravelmente a saúde pública, o barateamento aumenta seus adeptos, que por vezes comparecem aos estádios e instauram um caos no futebol.

A crescente utilização de narcóticos em mistura ao álcool é também destaque de jornais, como o *The Sun* – que se baseia em recortes de jornalistas *in loco* e especializados no futebol e no cenário londrino. Em uma matéria de 2022,

o jornal destacou o crescente uso das substâncias no futebol londrino, as suas marcas e rastros deixados em banheiros e seus efeitos aos arredores.

Na ocasião, a matéria do *The Sun* (2022, p.01) salientou que essas cenas de violência têm como fator primário o uso do narcótico, especialmente quando misturado ao álcool. Essa desordem foi enaltecida com depoimentos de pessoas que trabalhavam nos locais, detecção de restos de pó em banheiros e publicações de vídeos em que se constata pessoas sob influência desses entorpecentes. Lipton (2022, p.01) afirma:

Violence at football has always been synonymous with alcohol but it is becoming abundantly clear it's not just a football issue and affectin. (...) Now you are not just pointing the finger at alcohol users but are also able to point the finger at drug users. (...) It is clear that one or two of those people in the video have been using drugs and are not drunk. (...) Cocaine is certainly a contributing factor to violence in the night-time economy and football. Football is a reflection of wider society.<sup>2</sup>

Diante do exposto, é válido mencionar que, apesar de não estarmos diante de uma situação tão catastrófica como a da década de 80, é notório que a grande preocupação é se esses novos componentes ganharam força permanente e se tornaram uma tendência aos anos que se seguem – construindo uma nova realidade de violência no cenário do esporte.

### **Premier League**

O jornalista João Castelo Branco destaca o uso da cocaína nos estádios de futebol na Inglaterra como um refletor da atual e moderna sociedade inglesa, conforme disserta Dias (2022, p.03). E em conjunto ao estudo do jornal *The Guardian*, observa-se a capital da Inglaterra como a maior consumidora da droga frente às cidades de Amsterdã, Berlim e Barcelona juntas, justamente como uma resposta do barateamento e acessibilidade supracitados. O jornalista reverbera:

A cocaína está em todas as classes sociais e combina especialmente com a cultura 'lad' do homem macho, hooligan 2.0. A droga ajuda a poder continuar bebendo. Cerveja de manhã cedo no trem é bem normal. No fim do dia era mais comum ver torcedores dormindo caídos de tanto beber. (...) Vejo isso também no dia a dia do futebol. É uma minoria de torcedores, mas sinto a droga mais presente nas arquibancadas. Na cultura do torcedor.

---

<sup>2</sup> A violência no futebol sempre foi sinônimo de álcool, mas está ficando cada vez mais claro que não é afeta apenas problemas no futebol (...) agora você não está apenas apontando o dedo para os usuários de álcool, mas também para os usuários de drogas. (...) É claro que algumas pessoas no vídeo estejam sob influência das drogas, mas não bêbadas. (...) A cocaína é certamente um fator que contribui para a violência na economia noturna e no futebol. O futebol é um reflexo da sociedade em geral. (Tradução Livre)

Em mesmo compasso, Dias (2022) disserta que com a criação da Premier League em 1992, houve a tentativa de criação de diversas regras a respeito da segurança nos estádios. A resposta imediata foi o encarecimento dos preços dos ingressos e a elitização da prática futebolista.

Observar-se-á que, com acertada resposta, as medidas não foram seguras e eficazes. Dias (2022), acrescenta que: “A cultura muda a forma de se mostrar. Provavelmente a cocaína, como supõe João Castelo-Branco, seja o jeito ‘moderno’ de o inglês reviver seus tempos de hooligan. Não é algo bom, mas é reflexo da sociedade e dos tempos.”

A face cultural muda o formato da interpretação social. O autor Neto (2013, p. 33-34), salienta acerca de uma diferenciação do Brasil frente ao desempenho da Inglaterra.

Este fenômeno de violência de torcedores não é especificidade do Brasil, embora cada sociedade produza sua forma de torcida violenta. Na década de 60, na Inglaterra, surge um tipo de torcedor que a mídia chamou de hooligans. De acordo com Costa (1993), o termo hooligans ‘tem sua origem ligada ao nome de uma família irlandesa que viveu em Londres, no fim do século XIX (Houlihan). Devido às características de violência e de não sociabilidade de seus membros, esse termo passou, gradativamente, a designar os jovens que se organizam em gangues.’ Mas o fenômeno do hooliganismo possui muitas diferenças em relação às Torcidas Organizadas brasileiras. Primeiramente, não se organizam como instituição jurídica, diretoria e estatuto. São organizados como gangues, possuindo lideranças que são normalmente legitimadas pelo respeito advindo da violência. Não se uniformizam, vão aos estádios vestidos como o torcedor comum, para evitar serem identificados como hooligans e para poderem se dispersar após uma briga e evitar confrontos com a polícia, e outra diferença é que não possuem sede física, se encontram em reuniões em pubs e bares. Normalmente, os hooligans são ligados a grupos neonazistas e a partidos de extrema direita (BUFORD, 1992), o que não acontece, comumente, com as Torcidas Organizadas brasileiras.

Ademais, Soares (2022) ressalta que essa constatação do uso e do efeito álcool-cocaína nos estádios londrinos tem sido relatado pelos próprios torcedores. Uma pesquisa do site Daily Nation Today constatou que cerca de 30% (trinta por cento) dos torcedores que vão aos estádios já presenciaram o uso da cocaína, além de grande parte dos estádios testarem positivo para a droga nos banheiros locais.

Os clubes expressam não compactuar com esse consumo nas dependências dos estádios, e destinam medidas de segurança para contenção. No

entanto, não têm sido eficazes. De modo que as autoridades inglesas têm exigido punições mais severas, e um maior controle e policiamento, além de cães farejadores e mudanças internas nos banheiros a fim de dificultar o uso de drogas. A tentativa tem o escopo de eficácia para precaução a um ambiente fértil de propulsão ao *neohooliganismo*.

Esse agravamento acomete grandes clubes dentro da *Premier League*, a exemplo de Chelsea, Tottenham e Arsenal, conforme destaca Monteiro (2021, p.02):

No Stamford Bridge, casa do Chelsea, e no Tottenham Hotspur Stadium, estádio do Tottenham, foram descobertas carreiras de cocaína em cima de porta-rolos de papel higiênico. Já no Etihad, do Manchester City, e no Emirates, do Arsenal, os repórteres identificaram sacos de drogas vazios, com vestígios de pó no chão.

Os reflexos da violência nos estádios são maiores e mais catastróficos do que se possa imaginar. A modernidade e a segurança que se tem hoje é considerada como resultado direto da tragédia ocorrida em Hersey. O estádio belga foi palco de um confronto entre os torcedores do Liverpool e da Juventus, na final da Liga dos Campeões da Europa. Os autores Junior e Chade (2015, p.01) destacam ter sido esse o pontapé inicial das novas regras de segurança e organização nas arenas:

A mudança começou no próprio estádio e se expandiu em um movimento que acabaria se proliferando por toda a Europa e o restante do mundo, décadas depois. A capacidade do local foi reduzida de 65 mil para 48 mil lugares. Pela primeira vez, foi estabelecida a exigência de torcedores sentados em seus lugares. Ninguém pode assistir a uma partida em pé e, com isso, as “gerais” foram abolidas. Menor circulação, menor agrupamento, menor chance de tumultos. Em 1985, não havia uma divisão de torcidas.

A tragédia que ceifou vidas e atingiu feridos é hoje a razão de grandes muros e separações entre torcidas. Toda a mudança implementada foi inspirada ao redor mundo, seja em construir redes diferentes de acesso, maior policiamento, catracas, câmeras e até corredores com mais saídas é entendimento claro de que o futebol poderia ser o desencadeador de tempos sombrios.

As mudanças não foram apenas estruturais. Junior e Chade (2015) relatam que após o ocorrido, punições foram direcionadas aos autores e responsáveis – mesmo que de forma indireta ao problema – criando-se, assim,



um novo ambiente mais compassivo à realidade europeia, e precursor de novas bases, ditames e referenciais ao mundo – legais, administrativas, condenatórias e institucionais.

Punições em sequência no cenário esportivo têm surtido efeitos positivos. A título de exemplo, um dos maiores times da Inglaterra, *West Ham*, puniu torcedores que utilizavam cocaína no seu estádio – *London Stadium*. Na ocasião, os usuários foram identificados através de um vídeo que viralizou na internet, em que colocavam a droga na cabeça de um dos integrantes. O site *O Tempo Sports* (2023, p.03) destacou a punição e redigiu acerca do comunicado do clube:

‘O West Ham está enojado com o conteúdo do vídeo e agiu rapidamente para identificar os infratores. De acordo com nossa política de tolerância zero, os dados dos infratores foram imediatamente repassados à polícia, e todos os indivíduos tiveram seus ingressos de temporada suspensos e não poderão entrar no London Stadium ou viajar com o clube para jogos fora. Aguardando nossa própria investigação, isso pode levar os infratores a serem banidos indefinidamente. Não há lugar para esse tipo de comportamento’.

Um dos maiores problemas das drogas é agirem, por vezes, como um substituto mais lesivo que o álcool. Conforme constata a reportagem do site de notícias *Gazeta* (2007), a cocaína é atualmente o hábito que as bebidas não puderam ser nas dependências dos estádios; estas, por serem fielmente proibidas, são reflexos daquelas usadas no estilo moderno e juvenil londrino: “Alguns torcedores bebem cerveja para ficar mais alegres e outros se drogam pelo mesmo motivo. Os campos de futebol são frequentados por muitos jovens, e o uso de drogas é parte de seu estilo de vida”.

O uso é notório e cada vez mais recorrente. Os estádios londrinos têm sido revistados e identificados com agentes químicos reagentes à droga. O site *Gazeta* (2007) destaca ainda que o controle, ou a tentativa, não têm sido suficientes para travar, ou ao menos, gerir a massa usuária e seus péssimos impactos ao público-torcedor – um *neohooliganismo* recriado e readaptado pelo álcool e pela cocaína nos estádios da Inglaterra.

### **Uma outra face ao *hooliganismo***

Em outra senda, é válido mencionar que o *hooliganismo* é fortemente e exponencialmente correlacionado à desagregação nas comunidades inglesas de

trabalhadores locais, face a um nítido problema social, conforme destaque do autor Hollanda (2021, p.10).

Hollanda (2021, p.13) relata que esse comportamento violento por parte dos torcedores não é traçado sob uma visão retilínea, mas sim construído através de um percurso incerto, com índices que aumentam e diminuem pela passagem do tempo na história. Observa-se o apontamento:

A reflexão sobre o material levantado revelou a existência de um movimento curvilíneo, em formato de um U, durante três tempos principais esquadrihados na longa duração do futebol inglês. Grosso modo, a violência – mensurada pelos autores como desordens, confusões e brigas ocorridas nos estádios – apresentou, no início da história do futebol profissional, índices altos. Em seguida, houve um declínio e uma estabilização em patamares baixos, considerados toleráveis. Por fim, ela voltou a crescer em uma escalada ascendente. Longe de ser aleatória, a linha gráfica encontrava correspondência no nível de integração social e no estágio do processo civilizador, que, como reiterava Elias, era uma mensuração mais técnica do que hierárquico-judicativa.

Um desses momentos, conforme destaque do autor Hollanda (2021, p.13), é a Primeira Guerra Mundial. Pôde se observar, especialmente através de periódicos, um crescente número de brigas – com íntima razão de ter sido em 1880 a entrada da classe operária nos estádios, pela profissionalização do futebol, imprimindo-lhe uma situação calorosa e emocional até então não presente pela comedida aristocracia como público.

Em outra esfera, o autor Hollanda (2021, p.15) ressalta que o termo *hooliganismo* tem guardado ao longo dos anos explicações um tanto quanto estereotipadas, não resvalando, por vezes o real resultado em sociedade, além de criar um ambiente propício à discriminação. Nota-se a explicação do autor:

A polêmica em torno dos estereótipos tributados ao hooliganismo, dentre eles os de fanatismo, de irracionalidade e de selvageria, não se cingiu às explicações sociologizantes mais previsíveis e às ligações mais imediatas com as esferas políticas e econômicas do país, sejam as retrações do emprego, sejam os efeitos deletérios sobre a classe trabalhadora por parte das medidas liberais do governo Thatcher nos anos 1980. As punições sofridas pelos clubes ingleses, impedidos de disputar torneios internacionais durante cinco anos, em virtude das brigas de seus torcedores na Europa continental, iriam ainda recolocar um amplo espectro de questões éticas sobre o agir humano em coletividade. A partir do futebol, grandes temas universais para o homem ocidental do século XX seriam retomados, a saber, a psicologia das multidões, a decadência do Ocidente, o choque entre civilização e barbárie, a xenofobia e a intolerância perante o outro.

O fenômeno dos *hooligans* foi acompanhado por repercussão nacional em imprensa. Hollanda (2021, p.16) salienta que essas abordagens jornalísticas no esporte foram, em parte, responsáveis na criação de análises sensacionalistas que sustentaram argumentos irreais sobre a participação desses grupos nos estádios. Veja-se a observação do autor (2021, p.24):

Outra ponderação sustentava o hooliganismo como um fenômeno social que expressava tensões externas ao esporte, só de relance imanentes a ele, com a utilização do futebol para tornar-se visível socialmente na cena pública. O diagnóstico dos autores, baseado em levantamento histórico, em revisão da literatura e em observações pessoais, detectava o núcleo duro dos hooligans como frações juvenis saídas das camadas mais desprovidas da classe trabalhadora inglesa.

O catalisador álcool-cocaína é também objeto de destaque. As autoras Minayo e Deslandes (2002, p.03) dissertam a respeito dessas substâncias e relatam alguns pontos de observação, a exemplo, a mudança de comportamento desencadeada pela bebida, os efeitos psíquicos da droga no corpo humano, o aumento substancial da agressividade entre os usuários, a motivação violenta registrada pela cocaína e até mesmo uma notável irritabilidade. Observa-se o apontamento feito:

Em relação ao primeiro ponto de discussão, vários estudiosos têm concluído que o álcool é a substância mais ligada às mudanças de comportamento provocadas por efeitos psicofarmacológicos que têm como resultante a violência. E isso, pelo menos provisoriamente, pode ser depreendido dos dados apresentados acima. Estudos experimentais (Fagan, 1990, 1993) mostram que o abuso de álcool pode ser responsável pelo aumento da agressividade entre os usuários. Há evidências também de que a cocaína, os barbitúricos, as anfetaminas e os esteróides têm propriedades que podem motivar atitudes, comportamentos e ações violentas. Por exemplo, os usuários de cocaína têm problemas de supressão de atividades neurotransmissoras, podendo ser vítimas de depressão, paranóia e irritabilidade (Goldstein, 1989; Musa, 1996). Fatores como peso corporal, tipo de metabolismo, processos neuroendócrinos e neuroanatômicos produzem diferenças individuais no uso de drogas e mudança de comportamento.

Além dessas substâncias contribuírem e explicarem as balbúrdias supracitadas pelos jornalistas nos arredores e dentro dos estádios, tornam-se também desencadeadoras inatas da violência, seja utilizada como justificativa prévia para esses eventos violentos, ou usada como explicação das agressões ocorridas, conforme salienta Minayo e Deslandes (2022, p.04-05):

O narcotráfico potencializa e torna mais complexo o repertório das ações violentas: a delinquência organizada; aquela agenciada pela polícia e pelas instituições de segurança do estado; a violência social

dispersa; a promovida por grupos de extermínio e também a das *gangs* juvenis.

Drogas e álcool tanto podem ser usados antes como depois dos eventos violentos. Muitas vezes as substâncias são utilizadas como desculpas para violência, para diminuir a responsabilidade pessoal. Outros as usam para simplesmente atingirem um estado emocional que lhes facilite cometer crimes. Há aqueles que consideram o comportamento de beber ou usar drogas como parte da interação grupal. Muitos, ainda, corroborando a análise de Freud em *O Mal-Estar da Civilização*, usam drogas para suportar as agruras da vida, como mostram também os estudos de Bastos (1995) e Garcia (1996). Ou seja, ambos, álcool e drogas em si, dizem pouco enquanto fatores de risco para a violência, e essa articulação merece ser mais investigada, melhor delineada, buscando-se exatamente conhecimentos e práticas que contribuam para a saúde da população.

Nessa mesma análise, Hollanda (2021, p. 09) acrescenta acerca do encontro do álcool com a violência emanada nos estádios. Observa-se:

Em razão desse motivo, antes da abordagem do que para eles eram as raízes profundas do hooliganismo — o sentimento de prazer vivenciado nas brigas, o modelo encorajador de tal tipo de comportamento encontrado no meio social de origem e o futebol como lugar privilegiado para manifestação dessas expressões de agressividade —, os alunos de Elias iniciavam seu ensaio com a exposição das explicações a seu ver mais superficiais, ou “ortodoxas” (FROSDICK; MARSH 2005, p. 94), consagradas ao fenômeno, dentre as quais se encontravam o consumo de álcool e a violência emanada da dinâmica intrínseca do campo de jogo.

Ainda dentro desse viés, Minayo e Deslandes (2022, p.06) discorrem a respeito de alguns instrumentos utilizados dentro e fora do contexto desportivo como supostas justificativas do uso e supostas consequências nas interações comportamentais, sob o apontamento:

A atuação dos grupos comunitários em relação ao uso de substâncias e violência sugere que o contexto cultural modera e regula intoxicações e ações violentas. Os segmentos e o contexto influenciam a escolha de substâncias, comportamentos e normas, interpretação da situação e a probabilidade de acontecerem agressões. É preciso tomar o contexto em consideração, sobretudo quando se trata de situações de alto risco. A análise de eventos deve focalizar consequências das interações comportamentais, interações entre substância e pessoa, interações entre pessoas e pessoas, além da quantidade de drogas ou álcool consumidos e o tempo de uso.

## **Estatísticas**

No mais, entre os dados e justificativas da análise sobre o uso do álcool-cocaína nos estádios londrinos, destacar-se-á as estatísticas e discussões colacionadas pelo artigo de Bandura, Giulianotti, Martin, Bancroft, Morrow, Hunt e Purves (2023).

O artigo (2023) dispõe, em tradução livre, que o futebol age como um campo excepcional na análise em como as leis e imposições sobre o consumo das substâncias é experienciada pelos participantes, inclusive pela variedade de interesses e perspectivas que os grupos sociais podem ter, em vista do consumo do álcool, notadamente ante restrições substanciais nas partidas de futebol. Acrescentam:

In this paper we examine alcohol consumption and the laws surrounding its consumption in and around football grounds, focusing on the intersecting fields of football fandom and the carnivalesque. Whereas previous literature has understood the carnivalesque as a 'time apart' from everyday life, we examine it as a 'time with' supporter identities. We argue that alcohol embodies different senses of what being a supporter is and becomes the focus of a particular understanding of the carnivalesque as a contested space where competing understandings of class, place and football are played out.<sup>3</sup>

O artigo (2023) discute os resultados obtidos pela análise. Expõe que há quem acredita que o álcool não pode ser o principal fator de violência ou comportamento antissocial, no entanto, carrega participação. Destaca que os participantes concordaram que o hábito de consumo excessivo de álcool e de violência associado aos adeptos de futebol os levou a ter uma “má reputação”. Ainda, salientam, acerca da cocaína:

Both focus group participants and organizational stakeholders indicated that they had noticed increased use of cocaine, sometimes in conjunction with alcohol; one Scotland club supporter described alcohol and cocaine consumption, in the football context, as a 'perfect mix,' pointing to their combined heightening of intoxicated, hedonic or transgressive experiences on match-days. With regards to serious violence, participants suggested that football supporters will always consume alcohol and there will always be 'small scuffles here and there,' but, as illustrated by a representative from South Yorkshire police, 'certainly there is a pickup in cocaine usage by people going out with the intent of causing serious disorder.'<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Neste artigo examinamos o consumo de álcool e as leis que cercam o seu consumo dentro e ao redor dos campos de futebol, concentrando-nos nos campos que se cruzam entre os fãs de futebol e o “carnavalesco”. Enquanto a literatura anterior entendia o carnavalesco como um “tempo à parte” da vida cotidiana, nós o examinamos como um “tempo com” torcedores em identidade. Argumentamos que o álcool incorpora diferentes sentidos do que é ser um torcedor e se torna o foco de uma compreensão particular do carnavalesco como um espaço contestado em que entendimentos concorrentes de classe, lugar e futebol são disputados. (Tradução Livre)

<sup>4</sup> Tanto os participantes dos grupos focais como as partes interessadas organizacionais indicaram que tinham notado um aumento do consumo de cocaína, por vezes em conjunto com álcool; um adepto de um clube escocês descreveu o consumo de álcool e cocaína, no contexto do futebol, como uma ‘mistura perfeita’, apontando para o aumento combinado de experiências de intoxicação, hedônicas ou transgressivas nos dias de jogo. No que diz respeito à violência grave, os participantes sugeriram que os adeptos do futebol consumirão sempre álcool e que haverá sempre ‘pequenas brigas aqui e ali’, mas, como ilustrado por um representante da polícia de South Yorkshire, ‘certamente há um aumento no consumo de cocaína por parte das pessoas saindo com a intenção de causar transtornos graves.’ (Tradução Livre)

Por fim, o artigo (2023), através de análises estatísticas e de natureza aplicada, dissertam em como o álcool e o futebol estão interligados em um panorama complexo, diverso, dinâmico e de estruturas sociais e relacionamentos em que grupos e estratégias são importantes e necessárias. De modo a notar-se em como a cultura do consumo do álcool entre os torcedores de futebol [na Inglaterra e na Escócia] criam um papel importante no desempenho e na formação de experiências nas partidas de futebol.

### **Considerações finais**

Ante o exposto, é notório a influência do uso do álcool e da cocaína, especialmente quando misturados, na violência nos estádios de futebol.

O uso e seu respectivo crescimento tem sido preocupação recorrente da FIFA, que através de regras e definições, criam iniciativas que visam assegurar um ambiente tranquilo e justo aos participantes.

A mídia é também parte presente nesse contexto. Os noticiários destacam as rivalidades constatadas e executadas fora dos gramados e criam respaldo às consequências emanadas por eles, de modo a levarem em vista a violência noticiada através da ocorrência de algumas cenas, e bárbaras situações que são por vezes praticadas em grandes e /ou pequenos grupos.

Essa violência pode ser contextualizada, e até mesmo justificada pelas torcidas organizadas – e quase inatas a todos os times – traçando uma medida diferenciadora com o apoio civilizado. As torcidas levam em si manifestações de apoio e incentivo a seus respectivos times, mas que as vezes chegam a ultrapassar o espírito torcedor e iniciam uma intersecção mais polêmica, agressiva e impulsiva no futebol.

Cada torcida carrega suas peculiaridades e unicidade, mas ao todo, se resguardam a impulsionar um reinado isolado, dentro e fora dos gramados, e atuam com esforços desmedidos para manter e conquistá-los. A violência no estádio tornou-se uma substancial vertente nesse contexto jurídico-desportivo.

Disserta-se, assim, em uma notável intersecção entre torcidas organizadas e a violência, sob crescente retrato midiático de seus atos – fenômeno não circunstanciado somente nos dias de hoje: a presença da violência nos

estádios transpassa pelo futebol desde os primórdios da sua prática e rememora os *hooligans* como um diferencial nessa aferição.

Em mesmo compasso, válido afirmar que um dos grandes passos nessa repercussão da violência é entender que cada sociedade a resguarda em sua própria problemática, ou seja, cada uma lida e classifica essa violência a depender de si. E mais, o contexto e a história de cada uma delas conta muito.

A Inglaterra, a exemplo, categoriza um tipo específico intitulado de *hooligans*, antes mais voltados às características das famílias irlandesas em Londres, mas continuamente designada aos jovens organizados em gangues.

O fenômeno, apesar da semelhança, guarda muita diferença em relação ao Brasil, principalmente pelos *hooligans* estarem ligados muitas vezes a grupos de extrema direita ou até neonazistas – algo até então não comum nas torcidas organizadas do Brasil.

A análise ganha ainda outro compasso quando visto sob a esfera do álcool, e elucida sua ingestão como ponto de estímulo direto à agressão. Transparecendo a bebida como um fator não único na propulsão da violência do esporte, mas quando usado em pessoas pré-dispostas a isso, notadamente iniciar-se um estímulo.

Desse modo, é emblemático que medidas precisam ser tomadas para que haja uma resolução gradual e segura da problemática. Já que, não é novidade que existam leis e regras que assegurem uma prática honesta do futebol, no entanto, suas execuções estão especialmente vinculadas ao jogo dentro do campo, mas é preciso que haja normativas extracampo como uma alternativa para a manutenção mais estável do futebol.

O esporte é para ser jogado, vivido e apaixonado, mas acima de tudo isso, é idealmente a casa de um ambiente de acolhimento, de vitórias vívidas e sonhadas e de derrotas justas e aceitas. A violência não será rapidamente erradicada, mas ações íntegras e sumárias serão capazes de desencadear um arsenal de atenuações que viabilizem o caminho do futebol em essência.

## Referências

ALVITO, Marcos. **Os hooligans e a grande crise do futebol inglês**. Site Ludopédio, São Paulo, v. 39, n. 6, 2012.

BANDURA, C. T., GIULIANOTTI, R., MARTIN, J. G., BANCROFT, A., MORROW, S., HUNT, K., & PURVES, R. I. (2023). Alcohol consumption among UK football supporters: investigating the contested field of the football carnivalesque. **Drugs: Education, Prevention and Policy**, 31(4), 431–442. <https://doi.org/10.1080/09687637.2023.2219370>.

CASSANTE, Guilherme Vida Leal. A violência na Europa e o surgimento dos hooligans. **Jusbrasil**, 2015. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-violencia-na-europa-e-o-surgimento-dos-hooligans/254233604>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

DIAS, Elder. *Correspondente da ESPN na Inglaterra alerta para o aumento do uso de cocaína na torcida*. Jornal Opção, 2022. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/correspondente-da-espn-na-inglaterra-alerta-para-aumento-do-uso-de-cocaina-na-torcida-375863/>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

GAZETA DO POVO. Sem poder beber, ingleses cheiram cocaína em jogos locais. Esportes, 2007. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/sem-poder-beber-ingleses-cheiram-cocaina-em-jogos-locais-alfba9xp2wlvzoeo0no393pfta/>. Acesso em 08 de julho de 2023.

GOMES, Hélder. *Reino Unido. Nunca tantos jovens consumiram cocaína, uma droga que “já não tem classes*. Expresso50, 2019. Disponível em: <https://expresso.pt/internacional/2019-01-30-Reino-Unido.-Nunca-tantos-jovens-consumiram-cocaina-uma-droga-que-ja-nao-tem-classes>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Os estudos do futebol na Inglaterra: um balanço bibliográfico da produção acadêmica sobre**



**hooliganismo.** História da Historiografia, vol. 14, núm. 35, 2021, pp. 289-318. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597769989011>>. Acesso em: 17 de outubro de 2023.

JUNIOR, Gonçalo. CHADE, Jamil. A Tragédia que marcou o futebol – Os 30 anos do drama de Heysel – Os reflexos de Heysel no futebol. **Estadão**, 2015. Disponível em: <<https://infograficos.estadao.com.br/esportes/tragedia-futebol-30-anos-heysel/#:~:text=O%20desastre%20de%20Heysel%20ocorreu,um%20muro%2C%20que%20tamb%C3%A9m%20desabou.>> Acesso em 04 de julho de 2023.

LIPTON, Martin. *WASHED UP*: Cocaine use at football matches leaves League One side's stadium toilets like a 'launderette' full of powder, MPs told. **The Sun**, 2022. Disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/sport/20360723/cocaine-league-one-stadium-toilets/>> Acesso em: 06 de junho de 2023

MONTEIRO, Mário André. **Premier League: Cocaína é encontrada no banheiro de estádios de clubes grandes da Inglaterra.** Torcedores.com, 2021. Disponível em: <<https://www.torcedores.com/noticias/2021/12/premier-league-cocaina-e-encontrada-no-banheiro-de-estadios-de-clubes-grandes-da-inglaterra>>. Acesso em 16 de junho de 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. DESLANDES. Suely Ferreira Deslandes. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Cadernos de Saúde Pública**, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/xzcHYX4w88D36ZswRjLGVfB/>>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

NETO, Edi Alves de Oliveira. **Violência no Futebol e Torcidas Organizadas: Um estudo em representações sociais.** Monografia, UNB. Brasília/DF, 2013. Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6690/1/2013\\_EdiAlvesDeOliveiraNeto.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6690/1/2013_EdiAlvesDeOliveiraNeto.pdf)>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

O TEMPO *SPORTS*. Time inglês bane torcedores que cheiraram cocaína em estádio e viralizaram. West Ham decidiu punir os torcedores identificados em vídeo viral. Futebol Internacional, 2023. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/sports/futebol-internacional/time-ingles-bane-torcedores-que-cheiraram-cocaina-em-estadio-e-viralizaram-1.2827648>>.

Acesso em 07 de julho de 2023.

SOARES, Denisson Antunes. Premier League: Cocaína está aumentando a violência nos estádios. **Megacurioso**, 2022. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/121004-premier-league-cocaina-esta-aumentando-a-violencia-nos-estadios.htm>>. Acesso em: 14 de junho de 2023.

VIANA, José. **A Violência no Futebol: Causas e Consequências**. Monografia. Acervo Digital UFPR. Curitiba, 2005. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48085/MONOGRAFIA%20JOSE%20VIANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.